



Dos templos às redes sociais: estudo do facebook numa interface com o fundamentalismo religioso

From temples to social networks: a study of facebook and its interface with religious fundamentalism

Alex Silva Messias¹, Márcio Luís Costa¹

1 - Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, Campo Grande, MS, Brasil.

RESUMO

Introdução: atualmente os usuários das redes sociais não são sujeitos meramente passivos, como o fora até o século XX, mas produzem, difundem, questionam, transformam e compartilham informações em escala global. Trata-se de uma ruptura entre o real e o virtual, o “aqui” e o “lá”, desdobrando-se num continuum, de difícil e tênue o delineamento de fronteiras. **Objetivo:** compreender o real e o virtual, o “aqui” e o “lá” das redes sociais, numa interface com o fundamentalismo religioso. **Método:** através do método bibliográfico narrativo, durante seis meses, com o critério de inclusão e exclusão, selecionou-se para a discussão somente os autores que discutem os recursos e ameaças que as redes sociais e o fundamentalismo religioso podem oferecer aos seus usuários e adeptos. Em seguida, escolheu-se o Facebook, para analisar os riscos de sua ingênua utilização. **Resultados:** na utilização do Facebook e o subjacente contato com as várias religiões é possível que o usuário vá se tornando um “transreligioso”, que numa interação respeitosa poderá ser fonte de enriquecimento e convivência com o diferente, no entanto, essa mesma rede social, pode ser utilizada pelos fundamentalistas religiosos para amplificar suas crenças, angariar prosélitos, formar militantes, com ações de negação e supressão da crença alheia. **Conclusão:** tanto as redes sociais como o fundamentalismo religioso, “vieram para ficar” e ignorá-los ou negá-los, não seria o melhor caminho. Por isso, recomenda-se futuras pesquisas que aprofunde ambos os fenômenos, vislumbrando a utilização saudável das redes sociais e a vivência madura da religião.

Palavras-chave:

Redes Sociais;
Fundamentalismo Religioso;
Facebook.

ABSTRACT

Introduction: today, social network users are not mere passive subjects, such as they were up to the 20th century. Rather, they produce, disseminate, question, transform and share information on a global scale. This represents a rupture between what is real and virtual, the “here” and the “there”, within a continuum, where borders are blurred and hard to define. **Objective:** to understand the real and the virtual of social networks and their interface with religious fundamentalism. **Method:** the bibliographic narrative method was used during six months, applying inclusion and exclusion criteria to select papers by authors who discussed the resources offered and threats posed by social networks and religious fundamentalism to users and followers. Next, Facebook was chosen to analyze the risks of the naive use of social networks. **Results:** through Facebook use and the underlying contact with various religions, it is possible for users to become “transreligious”. Within respectful interactions, Facebook can be a source of enrichment and acquaintanceship with differences; however, the same social network can be used by religious fundamentalists to amplify their beliefs, recruit proselytes, form militants, through actions that deny and suppress the belief of others. **Conclusion:** both social networks and religious fundamentalism are here to stay and ignoring or denying them is not recommended. Therefore, further studies should deepen knowledge about both phenomena, with the goal of achieving the healthy use of social networks and the mature experience of religion.

Keywords:

Social networks;
Religious Fundamentalism;
Facebook.



INTRODUÇÃO

Na atualidade, as redes sociais se tornaram um fenômeno social de grande envergadura, fazendo-se presente na vida cotidiana de muitas pessoas ao redor do mundo, não apenas como sujeitos meramente passivos como o fora até o século XX, mas produzem, difundem, questionam, transformam e compartilham informações em escala global. Por meio da criação de um “perfil” no Facebook, por exemplo, o usuário pode incluir-se em diversos grupos e acessar conteúdos de diferentes culturas e sociedades, na qual pode receber e exercer influências em um ambiente de difícil controle.

Trata-se de uma superação de fronteiras geográficas entre o real e o virtual, o “aqui” e o “lá”, que opera em tempo real. Se por um lado o uso das redes sociais promove benefícios aos seus usuários, como o diálogo e a inclusão, por outro, também podem apresentar prejuízos, como os efeitos deletérios, as provocações dos *haters* (pessoas que atacam outros usuários com discursos de ódio) e a questão das *fake news* (da tradução do inglês “notícias falsas”, criadas com o intuito proposital de enganar as pessoas). Nas redes sociais, verificam-se postagens das mais diversas origens e conteúdos em torno de muitos temas, inclusive de fundamentalismo religioso, que podem variar, desde expressões mais inefáveis até as mais agressivas, chegando ao extremo da negação e supressão da crença alheia.

Embora a origem do fundamentalismo religioso se encontre no ambiente religioso de cunho cristão-protestante do início do século XX, sua abrangência na contemporaneidade ultrapassa tal ambiente, ocupando espaços na política, na economia, na filosofia, na estética, nas questões de gênero, entre outros. Deste modo, o fundamentalismo religioso acaba por carregar consigo um traço fortemente ideológico, com atitudes fanáticas, indisposição a secularização, negação da modernidade e até mesmo se utilizando, em alguns casos, de práticas agressivas.

Com a emigração do fundamentalismo religioso, da esfera religiosa para outros ambientes, surge um problema: como os fundamentalistas religiosos tem se apropriado das redes sociais? Quais contribuições ou preocupações que advém dessa apropriação?

Diante dessas questões-problemas, o presente estudo tem por objetivo compreender o real e o virtual, o “aqui” e o “lá” das redes sociais, numa interface com

o fundamentalismo religioso. Para tanto, escolheu-se para análise o Facebook, por ser a maior rede social do Brasil e de fácil acesso ao usuário. O presente estudo justifica sua relevância acadêmica e social, ao discutir os aspectos que dizem respeito às questões do real e do virtual, da interação social e do individualismo, do diálogo e do fundamentalismo religioso, numa tentativa de abordar os aspectos mais profundos das redes sociais e não somente sua ingênua utilização.

MÉTODO

A partir do método bibliográfico narrativo, durante o primeiro semestre de 2018, pesquisou-se em livros e artigos científicos, autores que discutem a temática das redes sociais e do fundamentalismo religioso. Em seguida aplicou-se o critério de inclusão e exclusão, trazendo para a discussão somente os autores que discutem os recursos e ameaças que as redes sociais e o fundamentalismo religioso podem oferecer aos seus usuários e adeptos. Com esse critério foi possível perceber o itinerário que alguns grupos de fundamentalistas religiosos têm percorrido “dos templos às redes sociais”. Com isso, dentre as muitas redes sociais disponíveis no ciberespaço, selecionamos uma delas, o Facebook, maior rede social do Brasil na atualidade, no intuito de compreender as significações mais profundas das ingênuas e simples ações de curtir, comentar e compartilhar, numa interface com o fundamentalismo religioso.

RESULTADOS

Diante das diversas redes sociais que disputam a atenção dos seus usuários, Santos e Porto afirmam que na atualidade o Facebook é a rede social que melhor caracteriza o leque das redes sociais.¹ Trata-se de uma base de dados de fácil acesso em que o usuário com o mínimo de recurso cognitivo, pode acessar essa rede, que atravessa diferentes países, culturas, extratos sociais, níveis etários, crenças religiosas, entre outros. Por esses motivos e por se tratar da rede social mais popular no Brasil, que a escolhemos para averiguar com maiores minúcias, na tentativa de compreender seus significados mais profundos para além do texto e imagem.

Segundo Lúcia Amante,² o Facebook foi criado em 2004 por um grupo de quatro jovens universitários de Harvard: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. Os

estudantes visavam criar um espaço no qual as pessoas se encontrassem e compartilhassem opiniões e fotografias, com o intento inicial somente de uma rede de comunicação para os estudantes da própria universidade. Contudo, rapidamente o projeto se expandiu entre as universidades americanas, conectando jovens de mais de 800 instituições e em menos de um ano já tinha 1 milhão de usuários ativos.

O usuário, ao criar o seu perfil no Facebook, pode ou não preencher um quadro de informações básicas, que compreende gênero, nascimento, naturalidade, domicílio atual, idioma, formação escolar, acadêmica, status de relacionamento, autodescrição no campo “sobre você” até opções políticas e religiosas. É possível se conectar a grupos, criar rede de contatos com interesse comum, tornar-se seguidor dos perfis de celebridades, clubes e outras organizações. A comunicação entre os usuários acontece por meio de mensagens privadas, públicas ou através do mural, onde se pode inserir fotos, clipes de vídeo ou música e, todos estes posts podem ser curtidos, comentados ou compartilhados pelos “amigos” ou seguidores.

O Facebook disponibiliza ainda calendário de aniversários, com emissão de alertas sobre os aniversários da lista de amigos, calendário de eventos, que informa data, local e até envio de convite para

o evento, bem como, disponibiliza uma variedade de jogos de entretenimento.

Amante² também descreve que os motivos que levam as pessoas ao uso do Facebook são manter as relações já existentes, buscar novas amizades, ser divertido, tornar-se mais popular, ocupar o tempo, expressar ideias e se auto apresentar. Além disso, esta rede social pode ser utilizada para fins de gerenciador de tarefas (contatos, eventos, fotos, etc.), de atividades estudantis, acadêmicas e profissionais.

Diante das ferramentas disponíveis pelo Facebook e suas motivações para utilizá-las, como interpretar ou entender a reação dos seus usuários? Segundo Recuero³, o texto ainda é o mais utilizado por seus usuários, existe estreita relação da “fala com a escrita” através da oralização do texto, o popularmente chamado de “internetês”, que se adapta a diferentes dispositivos tecnológicos voltados para comunicação, tais como, celular, *smartphones*, *tablets* e *notebooks*.

Por isso, para se analisar as diversas formas de apropriações que o Facebook oferece aos seus usuários, é relevante observar como suas ferramentas estão associadas às intenções, afetos e cognições geradoras de subjetividades e formas de coesão social. Entre as diversas ferramentas, selecionamos as mais recorrentes e tabulamos da seguinte maneira:

Tabela 1 - Relação entre linguagem textual dos Sites de Redes Sociais e marcadores conversacionais.

Linguagem textual	Descrição	Exemplo
Onomatopéias	Termos usados para simular sons orais e para marcar elementos verbais e não verbais.	Pow, Aff, Boom
Emoticons	Junção das palavras emotion (emoção) e icons (ícones). São elementos gráficos, como desenhos, letras e símbolos que são utilizados para representar elementos não verbais.	Reações faciais e estados de humor.
Oralização	É a aproximação textual da linguagem falada, a exemplo das gírias ou para representar tons de voz e estado de humor com o uso das letras em caixa-alta e/ou repetição de letras.	“LEGAL!”, “Curtiiiiiiiiiiii”.
Abreviações	Formadas por contrações de palavras para agilizar o processo de digitação.	“Blz” = beleza, “Bj” = Beijo, “Vlw” = Valeu e FDP = filho da puta.
Pontuação	Indica hesitação, pausa ou silêncio na demora de resposta dos pares que estão interagindo	Uso de reticências (...)
Léxicos de Ação	Descritores de ação, escritas no texto ou como parte pré-programada	“usuário X está escrevendo” ou o botão Curtir.
Indicadores de direcionamento	Organizam e indicam para quem, ou qual assunto, a mensagem ou contexto daquela conversa será dirigido.	“@” para indicar o direcionamento

A Tabela 1 demonstra como a abordagem das postagens no Facebook, podem ser facilmente mitigadas, se centradas apenas na linguagem textual e corretamente redigida. Faz-se necessário compreender os aspectos paradigmáticos das estruturas dos signos que são negociados diante dessas novas formas de interação. Notamos que os escritos são reveladores das sensações, emoções e sentimentos, principalmente quando associados às figuras, imagens, fotos e depoimentos postados pelos seus usuários. Nesse sentido, faz necessário analisar os significados e diferenças entre as ferramentas “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, abundantemente utilizadas pelos seus usuários.

A ferramenta “curtir”, numa primeira abordagem parece ser compreendida como uma maneira de tomar parte numa postagem sem necessariamente elaborar uma resposta. Trata-se de uma maneira de manifestar apoio e dizer que a postagem foi visualizada. No entanto, numa abordagem mais profunda, Recuero⁴ afirma que o “curtir” algo adquire uma série de contornos de sentido, pois, como não há a elaboração de um enunciado para explicitar a opinião do usuário, essa ferramenta se torna uma forma menos comprometida de expor sua opinião diante da postagem.

Com certa semelhança à ferramenta “curtir”, o “compartilhar” é a possibilidade de maior visibilidade e alcance da postagem, pois se trata de tomar parte na divulgação da postagem, para apoiar uma determinada ideia, um manifesto ou uma mensagem permitindo que os usuários construam algo que possa ser passível de discussão, uma vez que revela o interesse de quem compartilhou, tornando assim, um relevante para a rede social, com igual valor para aquele que compartilha e para aquele que foi compartilhado.

A ferramenta do “comentário” não apenas sinaliza uma participação, mas demanda maior esforço pessoal para registrar o efetivo apreço ou repúdio diante de uma postagem do Facebook, pois revela cumplicidade de quem comenta. Mesmo porque aquilo que é comentado facilmente pode ser descontextualizado e migrado para outras redes por meio das ferramentas de compartilhamento, tornando passível de receber novos comentários.

Por isso, na utilização do Facebook, se torna relevante observar o tipo de ferramenta e quantidade de vezes que foi utilizada e, no caso, do “comentário”, revela maior apropriação e um possível gerador de tensão, pois diferentemente do “curtir” e

“compartilhar”, na utilização do “comentário”, o usuário “toma partido” e pode se abrir para um diálogo ou desencadear discursos de incidência à intolerância.

Nesta esteira, uma pesquisa realizada pelos alunos da graduação e mestrado em psicologia da Argentina e do Brasil, revelou que as interações via Facebook despertam algumas emoções não verificadas na vida presencial, como a ansiedade da espera de uma resposta ou da reação diante do que foi postado, pois mesmo com um controle emocional, os textos escritos deixam transparecer as emoções das pessoas, dependendo em grande medida do temperamento delas. Uma pessoa mais controlada, naturalmente escreverá algo mais racional e uma pessoa temperamental quando impulsionada pelo calor das emoções, não se preocupará com o texto, escreverá *o que vem à cabeça*. Nessa abordagem, o texto também poderá ser um termômetro da emoção: é possível sentir a reação da pessoa pelo seu texto, pelo que ela expressa e pela forma como ela se expressa.⁵

Disso decorre, a necessidade de superar a utilização ingênua do Facebook, principalmente diante de postagens de fundamentalistas religiosos ou de *haters*, também conhecidos por *trolls*, que vão ao ciberespaço para promover o ódio pelo ódio, humilhar ou mesmo desestabilizar pessoas e/ou grupos sociais.⁶ Por isso, a relevância de discutir o fundamentalismo religioso nas redes sociais, pois segundo Silveira e Avellar,⁷ na rolagem pelo Facebook e o subjacente contato com as várias religiões é possível que o usuário vá se tornando um “transreligioso”, que num diálogo respeitoso poderá ser fonte de enriquecimento e convivência com o diferente, mas dependendo de sua apropriação poderá fomentar confrontos de incitação à violência social, de difícil mensuração.

O fato é que que no ciberespaço já não tem sentido a separação entre o real e o virtual, pois se trata de um *continuum* onde diferentes tecnologias coexistem no universo das interações.¹ A maioria dos grupos de fundamentalistas religiosos, seja do Oriente Médio como do Ocidente Cristão, se por um lado contestam a modernidade, por outro utilizam as conquistas tecnológicas provenientes da própria modernidade, principalmente das redes sociais, para disseminar seus ideais e angariar prosélitos. Em certo sentido, esses grupos são conservadores que se adaptam secularmente e com frequência seus membros comungam com outros fundamentalismos econômicos, culturais, étnicos, engrossando camadas vulneráveis a radicalismos sociais.⁸

Percebe-se na literatura pesquisada que os fundamentalistas religiosos tem percorrido um itinerário que vai dos “templos às redes sociais”, pois segundo Silveira: “o ciberespaço e a convergência digital tornaram-se, de forma crescente e complexa, campo em que as religiões e os fenômenos religiosos expressam modos de pertencer, credos religiosos e políticos”.⁹

De fato, a relação fundamentalismo religioso e Facebook “se torna ainda mais assertiva, potencializada e superabundante quando observada sob a ótica da possibilidade de conflito em qualquer lugar do planeta tendo as redes sociais, e suas formas instantâneas de comunicação, como maior aliada”.¹⁰ O fato é que as redes sociais amplificam, repercutem, dinamizam e problematizam diversas questões, inclusive, o fundamentalismo religioso, sendo possível, encontrar usuários que transitam aleatoriamente em diversas crenças e até mesmo, entre aquelas contraditórias ou conflitantes entre si.

Curiosamente no Brasil existem políticas públicas com a finalidade de oferecer acesso à *Internet* às pessoas com demandas socioeconômicas menos favorecidas, como o Programa Nacional de Banda Larga (PNBL), no entanto, não percebemos ainda projetos arrojados na aérea de educação que promova a utilização saudável das redes sociais. O fato é que dependendo da forma como a pessoa se apropria do Facebook e da religião, se poderá favorecer ou comprometer o seu exercício da cidadania, contribuir ou prejudicar a vivência madura da religião.

DISCUSSÃO

Nas redes sociais percebe-se que, de alguma maneira, adentramos a um *cyber*, um espaço, que é também *espaço público* e, talvez, o mais público dos espaços, podendo ver o ciberespaço como um espaço público de alteridades.¹¹ Isso é possível, sobretudo, quando consideramos as interações que acontecem e marcam os indivíduos que se movem nesse ambiente.

Com isso, diferente do que imperava até o século XX, em que a televisão, o rádio, o jornal e as revistas se constituíam um modelo massivo, concentrando a produção nas mãos de uma minoria que detinha o poder de veiculação sobre uma maioria consumidora; atualmente, nota-se que os usuários não apenas consomem, mas produzem, difundem, questionam, transformam e compartilham informações em escala global como nunca antes se

havia averiguado.¹²

Com o surgimento dos sites de rede social, a exemplo das mais populares no Brasil, o Facebook (<http://www.facebook.com>), MySpace (<http://www.myspace.com>), Twiter (<http://www.twiter.com>) e Whatsapp (www.whatsapp.com), dentre outros, as redes sociais se tornaram ainda mais relevantes e notórias, pois proporcionam conversações que permanecem no ciberespaço, tornando-as buscáveis e replicáveis independentemente da presença *on-line* dos seus usuários.

Para Rojo e Barbosa,¹³ recentemente nos deparamos com a *Web 3.0*, também denominada Web Semântica, cuja finalidade é interligar e tornar perceptível o significado das palavras, tanto à humanos quanto às máquinas. Trata-se de uma “inteligência” que antecipa aquilo que o usuário gosta ou detesta, suas necessidades e seus interesses, de forma a oferecer conteúdo, serviços e mercadorias em tempo real. Na mesma direção, alguns estudos recentes de psicologia apontam que o usuário das redes sociais:

É convidado a passar ao outro lado da tela e a interagir com modelos digitais ao mesmo tempo que a realidade é ampliada pelos dispositivos eletrônicos que passam a fazer parte do cotidiano, como os celulares, as câmeras e os computadores, que estão interligados, que se comunicam entre si e que nos remetem aos ambientes virtuais. (...) permite que as vivências, os sentidos e os significados sejam compartilhados por meio de narrativas e de recursos audiovisuais.⁵

No entanto, nota-se que as redes sociais são por vezes acusadas de contribuírem com o isolamento dos seus usuários, mitigando o famoso jargão do contato *cara a cara*. Nessa temática, a investigação epistemológica aponta divergentes concepções, citamos apenas duas:

A maior parte das vezes os utilizadores de Internet são mais sociáveis, têm mais amigos e contactos e são social e politicamente mais activos do que os não utilizadores. Além disso, quanto mais usam a Internet, mais se envolvem, simultaneamente, em interações, face a face, em todos os domínios das suas

vidas.¹⁴

Numa outra direção, Bauman¹⁵ assegura que as redes sociais podem influenciar as pessoas a deixar de se relacionarem *cara a cara*, por que as conexões virtuais são efêmeras, transitórias, fluidas, descartáveis, instáveis, cambiantes e fúteis. Essas conexões também passam a servir de padrão para os outros tipos de interações, tal que, o modo de se conectar virtualmente se estende para o presencial, minimizando a intimidade, o afeto e os vínculos.

Não obstante as controvérsias acadêmicas, o fato é que as redes sociais vieram para ficar e acredita-se pouco provável sua reversibilidade. Na verdade, trata-se de uma realidade complexa e de que talvez o *continuum*, isto é, a continuidade entre a vida *off-line* e *on-line*, seja a mais assertiva, a tal ponto que ambos os mundos (*off-line* e *on-line*) coexistem, alcançando a “perda da distinção entre o ‘aqui’ e o ‘lá’, fusão de fronteiras e outros fenômenos”.⁹

Por isso, de acordo com Recuero, “é preciso pensar como a conversação em rede está alterando o modo como nos comunicamos, o que dizemos, o que fazemos e o que pensamos”.¹⁶ Nas diversas formas de apropriação das redes sociais, observamos que se por um lado as redes sociais revelam o desejo das pessoas de comunicação e interação, por outro elas não se contentam mais em ter um “amigo” virtual, desejam ter milhares. Trata-se de uma espécie de capital social, isto é, o desejo pode intensificar tanto que às vezes se transforma numa competição e/ou numa obrigação, para saber quem tem mais amigos. Parece que não basta apenas viver, é necessário dizer o que se vive em fotos, *selfies* e vídeos, numa espécie de “eu te curto hoje e você me curte amanhã”. Nesse quesito, Bauman aponta que quando a qualidade de um relacionamento se torna decepcionante, as pessoas procuram redimir o sofrimento na quantidade.

Meneses e Sarriera, observam a mútua influência existente entre a rede social como um todo e cada membro que dela participa. Suas pesquisas concluíram que quando um adolescente é inserido numa rede social que promova o consumo de drogas ilícitas, essa rede pode influenciá-lo a iniciar o consumo, como também, aqueles que já são consumidores podem se incluírem num mesmo grupo, pois de alguma maneira, a pertença ao grupo pode criar padrões de comportamento e de relacionamento. Os autores advertem que ao se construir um grupo na rede social, “de alguma forma também o sujeito é

construído”.¹⁷

Com isso, dependendo da maneira como o usuário se apropria dessas redes sociais é que ele poderá ser beneficiado ou prejudicado através dos seus efeitos deletérios, como a possibilidade da conexão compulsiva, gasto de tempo excessivo na web, considerar o mundo sem internet desinteressante, irritabilidade, ansiedade, menores níveis de atividade física, entre outros.¹⁸

Diante dos diversos temas que são arrolados na tela das redes sociais, percebe-se certa apropriação dos fundamentalistas religiosos para pulverizar suas crenças, angariar prosélitos e até mesmo, reunir possíveis militantes para suas tendências sócio-políticas, pois, conforme Armstrong, “o fundamentalismo não vai desaparecer (...) os acontecimentos dos últimos anos indicam a persistência de um estado de guerra latente entre conservadores e liberais que às vezes emerge de maneira assustadora.”¹⁹ Disso decorre a necessidade de buscar compreender como está acontecendo essa apropriação e como pode implicar a vida de seus adeptos e usuários.

Diante da complexidade que envolve o fundamentalismo religioso, partimos da abordagem que entre os vários tipos de fundamentalismos, existem os mais abertos a interferências externas que comportariam mudanças de seus pontos de vista, chamados de *open-mind*, e os mais fechados que não acatariam outras fontes para o seu saber, que não seja o texto sagrado (no caso dos cristãos, a Bíblia e, no caso dos islâmicos, o Alcorão) ou autoritativo que foi erigido como fundamento, chamados de *closed-mind*.²⁰

Em se tratando de fundamentalismo religioso nas redes sociais, os autores Meneses e Sarriera apontam a necessidade do seu aprofundamento epistemológico: “Além das questões relativas à própria complexidade do tema, nos deparamos com a dificuldade de acessar materiais relevantes e atualizados sobre o tema no Brasil”.¹⁷ Também os autores Libório e Guimarães afirmam: “Encontramos poucos subsídios sobre a temática, especialmente no Brasil, o que torna evidente ser ela um campo fértil de pesquisa no campo epistemológico”.²¹

Disso decorre que estudar o Fundamentalismo religioso nas redes sociais é no fundo compreender como essa relação pode gerar diversos comportamentos, inclusive hostis e agressivos, principalmente quando os fundamentalistas religiosos de teor *closed-mind* interagem no ciberespaço com uma postura de

afirmação radical de um princípio religioso para além de toda dúvida. Trata-se de pretensões de legitimação e universalidade que permite ações de supressão de toda diferença, podendo comprometer a vivência madura da própria religião e da democracia.

Como optou-se pelo método bibliográfico narrativo, com intuito de oferecer a fundamentação teórica do estudo em questão, faltou nesse artigo articular os dados encontrados na literatura com uma pesquisa de campo ou estudo de caso das postagens típicas do fundamentalismo religioso no Facebook e suas implicações no bem-estar psíquico dos seus usuários.

CONCLUSÃO

Visitando a produção acadêmica em torno das redes sociais e, particularmente do Facebook, é possível observar como essa rede social promove uma comunicação aberta, colaborativa, participativa, e em constante construção, sendo que, ao construí-la, o usuário também é construído. Porém, dependendo da forma de apropriação do usuário com essa hibridação, em última análise, será constituída a relação eu-tu nos cotidianos da atualidade, uma vez que não é mais possível admitir uma ruptura entre o real e o virtual, o “aqui” e o “lá”, e sim uma fusão, um *continuum*, de difícil delineamento das fronteiras de demarcação.

No deslocamento do fundamentalismo religioso dos “templos às redes sociais”, a literatura acena a apropriação dos fundamentalistas *closed-mind* das redes sociais para amplificar suas crenças, angariar prosélitos, formar militantes, não permitindo o diálogo e a convivência com o diferente, tão caras e necessárias na atualidade.

A literatura pesquisada nesse artigo, nos permite discorrer que tanto as redes sociais como o fundamentalismo religioso, “vieram para ficar” e ignorá-los ou negá-los, não seria o melhor caminho. Por isso, recomenda-se futuras pesquisas que aprofunde ambos os fenômenos, vislumbrando no ciberespaço um recurso para a vivência da democracia e do respeito à crença alheia, que supere a negação e supressão do diferente, características típicas dos fundamentalistas religiosos de vertente *closed-mind*.

REFERÊNCIAS

1. Santos EO, Porto C. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. S.L: SciELO Books – EDUEPB, 2014. doi: [https://](https://doi.org/10.7476/9788578792831)

doi.org/10.7476/9788578792831

2. Amante L. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In: Porto, C.; Santos, E. O. dos (Org.), Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: 2014. 27-56.

3. Recuero Raquel. Elementos para a análise da conversação na comunicação mediada pelo computador. Verso e Reverso 2008;22(51):s/p. doi: <https://doi.org/10.4013/ver.20083.01>

4. Recuero Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso 2014;28(68):114-24. doi: <https://doi.org/10.4013/ver.2014.28.68.06>

5. Rosa GAM, Santos BR, Faleiros VP. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. Psicologia USP 2016;27(2):263-72. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-656420130026>

6. Rebs R. Os haters e o discurso de ódio: Construindo Sentidos e Identidade nos Sites de Redes Sociais. 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0695-1.pdf>>.

7. Silveira EJS; Avellar VL. (Org.). Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião. São Paulo: Loyola, 2014.

8. Carranza B. O Brasil, fundamentalista? Revista Encontros Teológicos 2009;24(1):147-166.

9. Silveira EJS. Tradicionalismo católico no ciberespaço: juventude, política e espiritualidade. Revista Ciências da Religião, História e Sociedade 2014;12(2):20-42.

10. Neves RX. O Fundamentalismo Religioso: O uso da informação e a contra informação numa sociedade que vive em redes de comunicação. Revista Lumen 2016;1(2):59-74.

11. Arendt H. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

12. Powel J. 33 milhões de pessoas na sua rede de contatos. Trad. L. Abramowicz. São Paulo: GENTE, 2010. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=0Zt-CXcM90oC>>.

13. Rojo R; Barbosa JP. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. (Série Estratégias de Ensino)

14. Castells MA. Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: Castells, M.; Cardoso, G. (Org.), A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Acção Política. Conferência promovida pelo Presidente da República. Belém: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005. 17-30.

15. Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

16. Recuero R. As redes sociais na Internet e a Conversação em Rede. CISECO, 2012;1:1-4.

17. Meneses MPR, Sarriera JC. Redes sociais na investigação psicossocial. Aletheia 2005;1(21):53-67.

18. Moromizato MS; Ferreira, DBB, Souza LSM, Leite RF, Macedo FN, Pimentel D. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. Rev Bras Educ Med 2017;41(4):497-504. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118>

19. Armstrong K. Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Trad. H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Companhia de Bolso)

20. Lima JA. Fundamentalismo: um debate introdutório sobre as

conceituações do fenômeno. Revista Crônos 2011;12(1):90-104.
21. Libório LA, Guimarães VR. Influências psicossociais e religiosas do fundamentalismo bíblico na saúde integral dos adeptos de uma Igreja. Paralellus. Revista de Estudos de Religião 2015;6(12):217-36. doi: <https://doi.org/10.25247/paralellus.2015.v6n12>

Recebido em:12/01/2019

Aceito em:15/03/2019

Como citar: MESSIAS, Alex Silva; COSTA, Marcio Luis. Dos templos às redes sociais: estudo do facebook numa interface com o fundamentalismo religioso. Revista Interdisciplinar de Promoção da Saúde, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 4, dez. 2018. ISSN 2595-3664. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/ripsunisc/article/view/13051>>. Acesso em: 15 abr. 2019. doi: <https://doi.org/10.17058/rips.v1i4.13051>